



NARRATIVAS DE ALUNOS CEGOS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPO GRANDE – MS.

Rozana Moraes Lopes Feitosa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
rozanalopes36@hotmail.com

Temática: História da Educação Matemática.

Resumo: A pesquisa a que este artigo se volta, busca analisar como os alunos cegos têm vivenciado o espaço escolar e as aulas de Matemática e como percebem a atuação do professor de Matemática. Para a construção desta pesquisa foram realizadas entrevistas com seis alunos cegos de diferentes escolas públicas de Campo Grande – MS. Uma primeira análise das narrativas produzidas por essas entrevistas evidenciou como potentes para a discussão as construções discursivas acerca do espaço escolar, das aulas e aulas de matemática, da relação com o/a docente, em específico o de Matemática. Para além das temáticas mais amplas e comuns, há que se ressaltar a busca por um olhar para as singularidades que marcam cada narrativa e o sujeito que esta constitui. Essa pesquisa busca contribuir com o projeto, mais amplo, denominado Mapeamento da Formação e Atuação de Professores de Matemática em Mato Grosso do Sul, desenvolvido pelo grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP).

Palavras-chave: Narrativas; Atuação de professores; Educação Matemática; Deficiência Visual.

Introdução

Esta pesquisa está atrelada à linha de pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática e visa contribuir com o Projeto desenvolvido pelo grupo HEMEP-História da Educação Matemática em Pesquisa que busca investigar a formação e atuação de professores que ensinam Matemática em Mato Grosso do Sul. Nessa direção, este trabalho procura colaborar com a História da Educação Matemática, produzindo narrativas de alunos cegos matriculados em escolas públicas da cidade de Campo Grande – MS.

As narrativas nos mostram estratégias criadas pelos/as alunos/as para espacializarem o ambiente escolar e dão indícios para a compreensão da atuação do professor de matemática na sala de aula perante outras sensibilidades e modos de perceber o mundo.

A motivação para realizar esta pesquisa é oriunda de minha prática em sala de aula com alunos da Educação Especial matriculados em sala de aula regular. Com o intuito de compreender como os esforços de outros professores de matemática e meus nesta caminhada/trajetória como professora de matemática podem ser compreendidos por alunos cegos e se estes se colocam efetivamente na direção dessa comunidade que agora estabeleço como interlocutora, essa pesquisa foi e está sendo estruturada.

Compreender modos de espacializar a escola e a matemática, bem como a atuação de professores de Matemática sob outro viés e nos leva, necessariamente, a compreender a criação de estratégias ao longo da história de vida dos entrevistados e a isso chamamos de historiografia. Como afirma Garnica¹² “história é fluxo, e historiografia é, portanto, relato e análise de fluxos”. Nessa direção, Delgado (2003) afirma que,

“Na História a dimensão da temporalidade é de tamanha relevância que o próprio tempo é, usualmente, definidor das questões relacionadas às temáticas da pesquisa, pois os interesses por objetos de pesquisa também se alteram com o decorrer do tempo”. (p. 11).

O trabalho com narrativas a partir de situações de entrevista me trouxe um enorme anseio em compreender as diferentes concepções de narrativas propostas por alguns autores como Tizzo (2015), Dosse (2012), Delgado (2003), Menezes (2003), Ferreira (2002) e identificar nesses autores novas possibilidades de trabalho com narrativas e História do Tempo Presente.

Na perspectiva da historiografia como o estudo dos homens no tempo (BLOCH, 2001) vivendo em comunidade, nos colocamos a analisar narrativas acerca de uma temporalidade que é também nossa e cujo tema constitui-se uma preocupação minha, uma questão que é lançada e respondida no presente acerca de um tempo que não ficou para trás.

A História Oral, como procedimento de pesquisa qualitativa, estabelece um conjunto de procedimentos descritos, por Garnica (2003):

(...) “uma pré - seleção dos depoentes – ou um critério significativo para selecioná-los–entrevistas gravadas–gravações essas que se constituirão no documento-base da pesquisa, instâncias de transformação do documento oral em texto escrito–conjunto de processos distintamente denominado e conceituado nas investigações sob análise (fala-se em transcrição, de - gravação, transcrição e textualização) –, um momento que poderia ser chamado ‘legitimação’ – quando o documento em sua versão escrita retorna aos depoentes para conferência e posterior cessão de direitos de uso pelo

¹² Sessão Coordenada XX EBRAPEM/2016 em Curitiba.

pesquisador e, finalmente, um momento de ‘análise’ – certamente o de mais difícil apreensão”. (p. 10).

Procurar definir os alunos para realizar as entrevistas foi um processo muito trabalhoso, visto que precisava da colaboração e autorização dos mesmos ou dos responsáveis. No início pensamos em um grupo maior de alunos, porém, pela falta de colaboradores, conseguimos seis alunos que estão matriculados nas escolas públicas de Campo Grande-MS. Durante as entrevistas, tive a oportunidade de fazer parte da rememoração das lembranças/vivências dos alunos dentro do espaço escolar, das aulas e das aulas de matemática, do professor e do professor de matemática, assim, como os desafios encontrados nessa trajetória. Neste momento de trocas de experiências, me coloquei no lugar do outro, como professora de matemática.

O referencial metodológico da História Oral nos encaminha para pesquisarmos por um “método em trajetória” na pesquisa qualitativa e que visa à construção e análise de narrativas a partir de situações de entrevista. Para além de fontes para a pesquisa, as narrativas são compreendidas como forma de valorizar a história para compreender “o passado pelo presente para promover uma reavaliação das relações entre história e memória e permitir aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir a história do tempo presente” (FERREIRA, 2002, p. 321).

O Mapeamento dos alunos cegos das escolas públicas Estaduais e Municipais foi possível pela colaboração das Secretarias Estadual (SED) e Municipal (SEMED) de Educação no fornecimento dos nomes das escolas que possuem, entre os alunos matriculados, casos de cegueira e outras deficiências visuais. Informações foram cedidas pela CAP/DV - Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual e pela NUEDE - Núcleo de Educação Especial da Secretaria de Educação Municipal de Campo Grande – MS indicando que, no ano de 2016, havia 129 alunos com deficiência visual (Baixa Visão ou Cegueira) matriculados em escolas públicas de Campo Grande/MS, sendo 23 casos de cegueira, entre os quais figuram os seis colaboradores dessa investigação.

Quadro III – Alunos entrevistados na pesquisa.

Nome do aluno (a)	Data de Nascimento	Local da entrevista	Data da entrevista

Isabel dos Santos Francisco	04/06/1959	Sala de Recurso	16/11/2016
Maria José Rodrigues	13/08/1974	Sala de Recurso	16/11/2016
Vitória de Araujo Rondon	01/11/2000	Sala de estudo	07/11/2016
Sara Silva dos Santos	08/06/1999	Sala de Recurso	01/12/2016
Lucas Santiago Siqueira	07/11/2008	Sala de Recurso	06/12/2016
Larissa Barros de Oliveira	22/04/2006	Sala de Recurso	07/12/2016

Fonte: Registros da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas nos meses de Outubro a Dezembro/2016. Antes disso, os alunos foram visitados no ambiente escolar para realização de convite a se tornarem colaboradores da pesquisa.

No desenvolvimento da pesquisa houve a necessidade de transitar por outras leituras, pensando na análise acerca da problematização das narrativas e na criação de uma potência de olhar que me ajude a discutir a questão da pesquisa, bem como, em seu decorrer, a minha constituição como pesquisadora.

A partir das narrativas dos alunos, relataremos, abaixo, alguns indicativos sobre as aulas e as aulas de matemática.

Das narrativas: alguns indicativos para a constituição de tons

Há uma necessidade de refletirmos sobre a atuação e formação de professores de matemática, em especial, seus modos de lidar com alunos, métodos e conteúdos em sala de aula e, sobre seu conhecimento para lidar com os problemas encontrados tanto no ensino quanto na aprendizagem de matemática na perspectiva da diversidade. Entre as pessoas entrevistadas, duas são alunas do Ensino Médio na modalidade do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), uma é aluna do terceiro ano do Ensino Médio e três são do Ensino Fundamental.

O roteiro que orientou essas entrevistas foi composto por questões que permitissem compreender como os alunos cegos espacializam o ambiente escolar e, mais particularmente, a aula de matemática, assim como compreender como narram a atuação do/a professor/a de matemática neste contexto.

Com o intuito de dar a perceber, a partir de exemplos de duas narrativas, como a escola vem sendo narrada, trazemos, neste artigo, alguns apontamentos feitos durante as entrevistas com Isabel e Maria José.

A primeira entrevistada, Isabel, uma senhora de 58 anos, está terminando o Ensino Médio e gostaria de fazer Faculdade. Para ela, a escola é um local de difícil acesso. A movimentação nesse espaço no dia a dia é também complicada por conta da estrutura de salas, ambiente em que são os alunos quem mudam de sala a cada sinal. Como a escola parece pouco mudar, Isabel fala a partir do discurso de adaptação: de sua adaptação e das dificuldades que esse processo traz. A escola não tem sinalização e nem piso tátil para indicar a direção das salas. *“Na escola, tenho que mudar de sala. Vou mudando de sala, para uma sala, para outra sala, já me adaptei. No início foi complicado, eu me sentia num lugar estranho. Quando não enxergamos a gente fica perdida, sem ter noção do espaço no qual estamos”*. A aluna narra que com o tempo foi se adaptando baseada na estratégia de sempre memorizar por onde entra e sai. Essa estratégia, por exigir concentração, não funciona muito bem, ela fica nervosa, e nesses casos costuma se perder.

Em relação à matemática, afirma ser complicado, às vezes pergunta o que não entendeu. A narrativa de Isabel aponta já, algumas questões importantes de serem pensadas:

O professor de Matemática estava explicando na semana passada sobre cone, triângulo retângulo e cilindro. Ele levou um material de madeira para explicar para os alunos e aproveitou o material para explicar para mim. Com isso, tive uma noção do desenho, porque quando ele desenha no quadro eu não enxergo. Esse tipo de material é muito bom para termos a noção das figuras que estamos estudando, mas muitos desses materiais não têm na escola.

Percebe-se, na sutileza do verbo escolhido para essa narrativa, a questão que novamente se impõe sobre o adaptar: “aproveitou” o material que levou para explicar para os alunos para explicar para ela.

Isabel afirma que leva para a Sala de Recurso o material da aula para passar para o braille e com a leitura da tradução, quando retorna para a sala de aula já tem a noção do que está estudando. Porém, narra que a matemática é difícil de compreender e compara a matemática com a química e a física.

A segunda entrevistada, Maria Jose de 43 anos, estuda no Ensino Médio (EJA) e diz que o ensino é diferenciado. Quando recorda de sua escola na infância, quando começou a perder a visão, ela narra, a escola era como composta por mesas e cadeiras antigas, com salas de aula cheias como a sua, com 30,40 alunos. Naquele espaço lotado, não costumava brincar,

XII SESEMAT- Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisas em Educação Matemática
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
08 e 09 de Agosto de 2018

nem ter muitas amizades. O fato de trombar muito nas pessoas e móveis não despertava a atenção para além das brincadeiras que a faziam cada vez mais reservada.

A escola em que estuda atualmente tem uma escada e um corredor que dá acesso às salas de aulas, mas esse acesso não significa acessível, não sinaliza, o que leva Maria José a afirmar que sua escola precisa de adaptações, principalmente, o piso tátil.

Em relação à matemática, ela aprende com a explicação do professor. Ela gosta de ouvir o professor, mas para isso é necessário ter silêncio, afirma que os alunos conversam muito e atrapalham o seu entendimento. Maria José fala: “Desde a infância eu gostava de ouvir o professor falar e para isso é necessário ter silêncio. Presto atenção no que o Professor está falando, porque quando vou estudar eu começo a lembrar de tudo que vi na sala de aula”. Por conta da cegueira, a audição é um guia para Maria José, por isso o barulho, a conversa excessiva, os móveis em arrasto em paralelo à explicação do professor em sala de aula exigem uma concentração muito maior e, por isso mesmo, cansam, desorientam. Ela afirma que não gosta de matemática, porque é difícil e que a tabuada é o começo de tudo na aula de matemática. Maria José afirma ter aprendido a tabuada, mas que, com o passar do tempo, esqueceu e passou a usar calculadora.

Este artigo trouxe algumas e pontuais posturas que ajudam a compor as narrativas produzidas pela pesquisa e o exercício de problematização que está sendo realizado a partir delas. Acreditamos que esses indicativos sinalizem ao leitor possibilidades de discussões que possam ser debatidas ou sugeridas a este movimento. Optamos, entretanto, por não apresentar aqui qualquer indício do movimento investigativo e, se coloca como oriunda das entrevistas realizadas, dos momentos em que são indicadas algumas necessidades dos interlocutores em relação a seus professores. Ainda que pontual como os acima citados, por se tratar de uma questão central ao desenvolvimento da investigação e que é o atual foco de análise. As histórias de vida dos entrevistados são narradas em articulação com suas vivências no espaço escolar evidenciando casos e descasos, bem como sinalizações importantes a serem pensadas ao se discutir a formação inicial ou continuada de professores de Matemática.

Agradecimentos

Agradecemos à FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul) pelo apoio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *História: a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história*. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2007.

BLOCH, M. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRUNER, Jerome. *A Construção Narrativa da Realidade* 18(1). Trad. Critical Inquiry. (1991). Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/294139640/BRUNER-Jerome-a-Construcao-Narrativa-Da>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth A. Sacramento. Seria um Mundo sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade. *Bolema*. 2014, vol. 28, n. 49, p. 974-989. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-4415v28n49a26>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

COSTA, Ailton Barcelos da. *Uma proposta no ensino de fração para adolescentes com e sem deficiência visual*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br>

CRUZ, Emmanuel Dário Gurgel da. *Narrativa sobre a cegueira: inclusão, superação e limites / Emmanuel Dário Gurgel da Cruz*. - Natal, RN, 2015.92f.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. *História Oral*, 6, 2003, p. 9-25.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. *Revista do Programa de Pós-graduação em História Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5 –22, jan/jun. 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, Tempo presente e História Oral*, Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: *Zetetiké*. Campinas: Unicamp v.11, n19, jan/jun. 2003.

_____. Cartografias Contemporâneas: mapear a formação de professores de Matemática. *ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v.6, n.1, p. 35-60, abril 2013b, p. 38-40.

_____. História Oral e Educação Matemática - um inventário. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, (SP), v. 02, n. 01, p. 137-160, 2006.

_____. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2010.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. *A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência*. Cad. Cedes. Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr 2002, Nº 19. Disponível em: <<http://migre.me/w8Hh1>>.

XII SESEMAT- Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisas em Educação Matemática
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática
08 e 09 de Agosto de 2018

MENEZES, Marcus Swell Brandão. Narrativa e a História do Presente: *A Experiência dos Caras-pintadas*. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003, p. 1-5.

TIZZO, Vinicius Sanches. *Mobilizações de Narrativas na (e para a) Formação de Professores: possibilidades no*
Pibid.<http://www.ufjf.br/ebapem2015/files/2015/10/gd7_Vinicius_Tizzo.pdf>.